

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

Antologia Espiritana

Anthologie Spiritaine

5-1-2010

08 b. Origem da Obra

Christian de Mare CSSp

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese>



Part of the [Catholic Studies Commons](#)

Repository Citation

de Mare, C. (2010). 08 b. Origem da Obra. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/anthologie-spiritaine-portuguese/30>

This I is brought to you for free and open access by the Anthologie Spiritaine at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Antologia Espiritana by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

ORIGEM DA OBRA

Os fundadores

Como é que Maria nos inspirou o desejo desta nossa obra missionária? Digo-o em duas palavras. Creio ser inútil neste pequeno diário que escrevo a toda a pressa (a obediência só me dá seis dias, antes do precioso retiro, do qual sairei para ir levar a boa nova da salvação à terra desolada do Haiti), creio ser inútil entrar em detalhes relativamente às primeiras pessoas sobre as quais Maria se dignou lançar o seu olhar para realizar a obra da sua misericórdia em favor da descendência desditosa de Cam. Todos nós os conhecemos, mas o que me parece digno de nota são as circunstâncias providenciais em que cada um se encontrava quando Maria se dignou chamá-los ao apostolado que o seu Coração lhes reservava.

O Sr. Le Vasseur, natural de Bourbon, onde a sua família vivia, tinha vindo estudar para França; isso era o normal entre as famílias ricas de nossas colónias. Concluídos os seus estudos em Paris⁴², fez o exame de admissão à Escola Politécnica para uma carreira a que o destinavam os seus pais. Teria sido admitido⁴³ se o gosto secreto que sentia pelo jugo do Senhor não o tivesse levado então a abandonar o mundo para abraçar o estado eclesiástico. [...] Partiu para a sua terra na esperança de restabelecer a saúde. O entusiasmo com que se dera ao estudo das ciências exatas, pelas quais nutria uma espécie de paixão, tinha-o enfraquecido muito. Esta viagem, que só o fez piorar, foi, no entanto, para a sua alma uma preciosa ocasião, vinda da Providência, para fazer compreender a este piedoso trabalhador o género de tarefa que o Senhor lhe destinava na sua vinha. O estado de degradação e de abandono dos pobres negros escravos de Bourbon, inflamou-o no desejo de procurar para os negros da sua terra algum socorro espiritual; acabava de ver de perto a situação de abandono desses pobres desafortunados e o seu coração, convencido como estava do valor infinito que tinha para Deus a alma do último de nossos irmãos, ficou comovido com este triste espetáculo. Regressado a França no verão de 1836, o Sr. Le Vasseur não se esqueceu dos sentimentos de caridade e de compaixão que a graça tinha depositado em seu coração; mas, como poderia ele ajudar essas almas? [...] Ainda o não sabia. [...]

⁴² No Colégio Estanislaú, por onde também havia passado o nosso Venerável Padre.

⁴³ Fez um primeiro exame brilhante e, tendo ficado em segundo lugar em matemática e respondido muito razoavelmente em todas as outras matérias, teria sido admitido se não tivesse tido nota fraca em latim.

Antologia Espiritana

Estava bem longe de imaginar então que ele próprio era destinado a esta obra, que deveria ser o seu primeiro missionário; só o facto de pensar nisso tê-lo-ia feito sorrir como se fosse uma coisa absurda. [...]

Mas como pode ele pensar em chegar a padre com uma saúde tão arruinada? Por isso, não ousa sequer apresentar-se no seminário de São Sulpício. [...]

Iluminado por Deus, o sábio diretor do Sr. Le Vavas seur entrevê os desígnios divinos sobre esta pessoa aparentemente tão inapta para o serviço do altar, e sobretudo para um ministério tão ativo como o de andar à procura da ovelha perdida. [...]

Sente-se muito cansado, tem horríveis dores de cabeça; como poderá ele estudar filosofia e teologia? Deus e Maria pro verão, respondeu o padre jesuíta; e, à palavra daquele que o nosso caro confrade tem na conta de instrumento da vontade de Deus sobre si, solicita a sua entrada em São Sulpício, o pedido é deferido e entra em Issy, a 19 de Agosto de 1836, como aluno de filosofia.

Não é este o lugar para falar das virtudes que praticou o Sr. Le Vavas seur enquanto aí esteve; todos os seus condiscípulos sentiram o perfume delas e hão de recordá-las por muito tempo. Menciono só ao de leve a profunda humildade em que o mantinha a sua incapacidade de fazer fosse o que fosse. Não se via como poderia ele fazer o curso de filosofia e ele próprio tinha sérias dúvidas de o poder prosseguir. [...]

Este estado de incapacidade do Sr. Le Vavas seur durou cerca de dois anos a contar da entrada no seminário; no entanto, apesar da doença, nunca perdeu de vista a salvação de seus pobres e infelizes escravos. Tal era o homem que Maria tinha escolhido como o primeiro dos que iriam em socorro dessas almas abandonadas. [...]

Enquanto que o Sr. Le Vavas seur sentia um tão forte atrativo pelos escravos de Bourbon, (porque de início o seu horizonte eram os negros da sua terra natal), Maria que, tal como Deus, gosta de escolher tudo o que há de mais pequeno e de mais desprezível para a execução de seus desígnios de misericórdia sobre a humanidade, comprazia-se em pôr um atrativo semelhante no coração de um de

Congregação do Espírito Santo

seus condiscípulos⁴⁴, também ele, por certo, bem pouco indicado para tamanho empreendimento.

Em 1835 este último entrou no seminário de Issy. O aproveitamento em filosofia foi fraquíssimo e, apesar de o acharem piedoso, os seus superiores não o admitiram à tonsura⁴⁵ e acharam que em consciência deviam avisar o arcebispo de Paris, de quem ele dependia, da sua incapacidade para os estudos.

Por deliberação do Conselho do arcebispado, foi-lhe retirada a bolsa de estudos, e os membros da direção, querendo salvaguardar o bem da sua alma e o da Igreja, tantas vezes comprometida por padres ignorantes, fizeram-no renunciar a prosseguir os estudos mesmo naqueles seminários onde havia vagas e bolsas disponíveis. Deus deu-lhe a graça de aguentar um tão rude golpe para as suas aspirações. Maria fez com que beijasse a mão de Deus, que, por misericórdia, o tinha golpeado. Não querendo perder-se no mundo, e temendo desobedecer a Deus se, contra o conselho de seus superiores, entrasse noutra seminário, decidiu ir para os trapistas.

Depois de o ter mantido alguns meses nesta solidão, Deus tirou-lhe a saúde de que gozara até então; e teve que deixar esse amável retiro. [...]

Em sua aflição volta-se para Maria e, sem ter feito alguma diligência ou apresentado algum pedido, mudam-se de repente os corações dos seus superiores e dos membros do Conselho do arcebispado. Dois meses volvidos, estava de regresso ao seminário de Issy, na altura em que o Sr. Le Vasseur lá entrou. Há vários anos que pensava muitas vezes no estado lastimoso dos negros da ilha São Domingos porque, filho de uma crioula da ilha, tinha ouvido muitas vezes falar dos vícios desse povo, fruto da sua ignorância e dos maus exemplos de muitos padres indignos que lá estão e causam a perda de muitas almas. [...]

Uma comunidade de padres para essa terra era aquilo em que punha toda a sua esperança; mas achava também que isso era um sonho belo demais para poder realizar-se. Como os pensamentos dos homens estão longe dos de Deus! [...] Este pobre seminarista, tão desprovido de tudo o que se exige para um empreendimento destes, devia, nos desígnios de misericórdia do Coração de Maria para o desafortunado povo haitiano, ser chamado a ver aquilo por que

⁴⁴ Trata-se de Eugénio Tisserant.

⁴⁵ Os sulpicianos costumam admitir à tonsura logo a partir do primeiro ano de filosofia os seminaristas que pareçam seguros na sua vocação e que tenham o grau de ciência requerido.

Antologia Espiritana

tanto ansiava e ter a felicidade de fazer parte dessa comunidade.

O terceiro, na ordem do tempo, que Maria escolheu para o empreendimento a cuja realização assistimos, estava destinado a tornar-se o nosso pai e o nosso guia.⁴⁶

De certeza que ele não esperava nada ter que assumir funções de dirigente. Deus, para o preparar para o bom desempenho dos seus desígnios de por ele fazer regressar muitos à virtude e ao caminho da perfeição, fez, em sua Providência, com que por muito tempo não chamasse a atenção dos que com ele conviviam. Entrou em São Sulpício em 1827, um ano depois de o Senhor o ter iluminado e, de judeu convicto e sincero que era, lhe ter aberto as portas da Santa Igreja. [...]

Pouco notável no curso de teologia, era-o, na verdade e muito, pela piedade. [...]

Deus não permitiu que o Sr. Libermann passasse desaperecebido aos olhos de todos. Os superiores do seminário não deixaram de notar e agradecer a Deus as graças que tinha depositado em seu coração, e alguns dos seus discípulos sentiram-se levados desde os primeiros anos dele em São Sulpício a deixarem-se ajudar na vida espiritual por seus conselhos. [...]

Durante os seus quatro anos de teologia no seminário de Paris, Deus provou-o de forma bem violenta com uma doença contraída pouco depois de entrar em São Sulpício e que o impediu de aceder a outras ordens para além da de acólito. Tinha ataques de epilepsia, que sobrevinham normalmente em vésperas de ordenações. [...] Foram assim os primeiros quatro anos do Sr. Libermann em São Sulpício.

Pelo fim desse 4º ano como aluno, e sem sinais de melhoras, o Conselho do arcebispo de Paris, de quem era diocesano, deliberou tirar-lhe a bolsa de estudos e foi-lhe comunicado por um membro desse Conselho, o P. Carbon⁴⁷, que o fez contrariado e com tristeza, que, gorada a esperança de chegar a padre, o melhor seria ele deixar o seminário e tratar de arranjar um outro modo de vida. Este padre, que o amava como um pai e que é, agora, um dos

⁴⁶ Trata-se de Francisco Libermann, que na altura estava no noviciado eudista de Rennes.

⁴⁷ Superior do Seminário de São Sulpício de Paris.

Congregação do Espírito Santo

.....

maiores benfeitores da pequena obra do Coração de Maria, ofereceu-se mesmo para lhe facilitar o seu reingresso no mundo.

O Sr. Libermann recebeu das mãos da Providência esta notícia com paz e ação de graças e, agradecendo também a este caridoso superior todas as suas provas de bondade e dedicação, contentou-se com pedir-lhe, com ar resignado, que o prevenisse do dia em que deveria deixar o seminário, ajuntando em tom sereno: “Mas para o mundo não posso voltar! Deus, assim o espero, há de providenciar”. Estas últimas palavras tocaram tão vivamente o coração deste bom superior que, movido de compaixão, apressou-se a assegurar ao Sr. Libermann que, já que era tão firme a sua vontade de não voltar para o mundo, ele próprio iria usar de toda a sua influência para que o seminário de São Sulpício cuidasse dele até à morte. Assim e desde então, o Sr. Libermann ficou ao encargo da Sociedade de São Sulpício para o seu sustento diário até ao momento, ainda oculto, em que Maria haveria de vir retirá-lo ao seu isolamento para o constituir pai e condutor desta pequena família. [...]

Quase em finais de 1831, os superiores de São Sulpício mandaram o Sr. Libermann para Issy, onde por quinze a dezoito meses a sua única ocupação foi a sua vida espiritual e podar as árvores: foi o que ele me confessou há bem pouco tempo. Os anos seguintes foram menos infrutíferos. Comovido, muitas vezes até às lágrimas, perante o estado de dissipação de muitos seminaristas de Issy e de Paris, afetados pela revolta e pelas crises políticas, foi-lhe impossível conter por muito tempo o fogo que Deus acendia em seu coração para que se tornasse útil ao próximo. Com insistência, oportuna e inoportunamente, pediu e obteve dos seus superiores de Paris e de Issy permissão para fazer tudo o que pudesse para incutir o verdadeiro espírito de Nosso Senhor nestas almas destinadas a tornarem-se canais desse espírito para os outros⁴⁸.

E foi neste exercício humilde e obscuro que se passaram os últimos cinco anos do Sr. Libermann em São Sulpício, onde desempenhou o modesto cargo de adjunto do ecónomo de Issy. Teve dificuldades de todo o género e por contraditores até pessoas cheias de amor e de dedicação a Deus, convencidas de que o estavam a servir opondo-se à maneira como o Sr. Libermann tomava tanto a peito reacender o verdadeiro espírito do sacerdócio neste seminário tão querido a Maria e tão valioso para a Igreja. Foi um apostolado humilde

⁴⁸ Trata-se da fundação dos “grupos de piedade” no Seminário de São Sulpício, que foram o meio mais eficaz de que Libermann se serviu para introduzir o fervor nos seminários, que vinha diminuindo sensivelmente desde há uns anos.

Antologia Espiritana

que, se teve espinhos, teve também rosas e consolações porque Deus fez dele uma bênção para muitos, entre os quais também eu fui incluído por inefável misericórdia e graça de Maria.

Por alturas do verão de 1837 deixou São Sulpício e foi para Rennes juntar-se ao P. Luís, superior dos Eudistas, na esperança de fazer nesta Congregação algum bem para a salvação das almas: o P. Luís tinha-lhe pedido insistentemente que fosse ajudá-lo, e, dois meses volvidos, pô-lo no lugar de mestre de noviços. Encontrou esta Sociedade num estado de grande desorganização, não obstante o zelo de quem a dirigia; via, cheio de tristeza, que de nada valiam os seus esforços para remediar o mal. Estava nesta comunidade já há uns dezasseis meses, lutando contra toda a espécie de dificuldades, acabrunhado de aflições, e sempre sob o peso da sua cruel doença, que parecia fechar-lhe para sempre as portas do sacerdócio, quando o Sr. Le Vavas seur, que muitas vezes lhe tinha falado da infelicidade e abandono de seus pobres negros de Bourbon, lhe escreveu, em Fevereiro ou Março de 1837, para o consultar sobre o projeto de se ir em socorro espiritual dos escravos desta colónia e ilhas vizinhas.

Passamos à frente duas partes das Memórias de Tisserant:

Na primeira diz-se como surgiu a ideia de se ir para Bourbon e para São Domingos; aí se conta como Tisserant e Le Vavas seur, com o apoio dos sulpicianos e do P. Desgenettes de Nossa Senhora das Vitórias amadureceram juntos, em Paris, o projeto de uma Obra dos Negros para socorro dos escravos de suas respectivas ilhas (diga-se, em abono da verdade, que a escravatura já estava abolida no Haiti). Revelam o seu projeto a Libermann que, por carta, os encoraja a unirem os seus esforços, sem com isso se sentir envolvido.

Na segunda, vêm os acontecimentos de Rennes, já contados no relato da vocação missionária de Libermann.

Viagem a Roma

Dirigiu-se a Lyon por Paris, onde, à exceção do P. Pinault, junto de quem esqueceu por breves instantes a chaga viva de sua alma, o Senhor lhe tinha reservada uma nova cruz⁴⁹. Não se demorou lá e chegou a Lyon na

⁴⁹ Aí o seu plano de ir a Roma foi contestado por uma pessoa de grande virtude, em quem ele depositava confiança, que lhe chamou imprudente.